

# Os subentendidos das charges

Maria de Fátima da SILVA

Curso de Letras da Faculdade Unida de Suzano - UNISUZ (fatimaete@hotmail.com)

Rosália Maria Netto PRADOS

Faculdade Unida de Suzano - UNISUZ (rosália.prados@gmail.com)

## Resumo

O presente trabalho consiste em breve estudo sobre a teoria da análise do discurso, fundamentado em uma pesquisa bibliográfica em análise de textos verbais e não verbais aplicados em charge, bem como identificar neste gênero a ironia e o humor como estratégia de linguagem. Pesquisamos autores sobre análise do discurso, gêneros textuais e tipos de textos verbais e não verbais. Abordamos, também, a intertextualidade, polifonia, definição do gênero textual charge, suas características, formas de apresentação e seus elementos mínimos gráficos que caracterizam esse gênero.

## Palavras-chave

Discurso, estudos lingüísticos, gênero textual.

## Introdução

O tema deste trabalho está direcionado à análise do discurso a fim de mostrarmos os subentendidos e valores subjacentes aos textos verbais e não verbais presentes no gênero textual “charge”.

Justifica-se esse tema, pois é importante mostrarmos os subentendidos existentes nas charges e apresentarmos uma linguagem da comunicação que não seja apenas constituída de textos escritos. Esse gênero textual possibilita a interação do leitor com acontecimentos atuais do cotidiano por meio do humor, pois as charges são desenhos, caricaturas que formam o tema central do fato ocorrido.

Nosso objetivo é mostrar que a charge é um texto da linguagem jornalística que possibilita despertar o interesse do leitor por meio do humor e que ele possa refletir sobre o discurso que está subentendido no texto apresentado.

O trabalho é um estudo desenvolvido com base em pesquisa bibliográfica e aplicação de conceitos por meio da análise de charges retiradas da internet, caracterizadas pela linguagem verbal e não verbal.

Neste trabalho, usamos como base teórica a análise do discurso e os tipos de gêneros textuais. Desenvolvemos a pesquisa fundamentada teoricamente na Análise do Discurso dos teóricos Brandão, Bakhtin, Maingueneau, Marcuschi e Koch. Estudamos, também, uma obra direcionada à charge, que mostra suas características e seus elementos gráficos mínimos.

Analisando o contexto de uma charge além de reconhecermos os subentendidos é possível fazer com que o leitor passe a se interessar pelos fatos do cotidiano, pois as charges são encontradas em jornais e revistas, tratando temas atuais, divertindo e marcando época.

Na charge podemos encontrar vários contextos, as de contexto político são as mais usadas e talvez as mais difíceis de compreender. Além disso, existe o humor, as caricaturas, as cores, fazendo como que o leitor se sinta atraído pela charge.

A metodologia da pesquisa, segundo a Análise do Discurso, proporcionou uma compreensão melhor deste gênero verbal e visual a partir de alguns exemplos de charges.

## Considerações sobre o discurso para o estudo da charge

Quando falamos em discurso devemos lembrarmos da complexidade existente nele. Segundo Brandão (2004), o discurso carrega uma dualidade que é constitutiva da linguagem, isto é, do seu caráter ao mesmo tempo formal e atravessado por entradas subjetivas e sociais. Provoca deslocamento nos estudos lingüísticos até então batizados pela problemática colocada pela oposição língua / fala que impôs uma lingüística da língua.

Devido a essa problemática, os estudiosos passaram a buscar uma compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua, o sistema já situado fora desse pólo da dicotomia Saussuriana. E essa instância da linguagem é a do discurso. Ela possibilitará operar a ligação entre o nível propriamente lingüístico e o extralingüístico. O discurso é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos.

De acordo com Brandão (2004), a linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento, a linguagem enquanto discurso é interação, é um modo de produção social,

não é neutra, inocente nem natural, por isso é o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.

A linguagem não pode ser estudada fora da sociedade, pois a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, é um elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade como forma de engajá-lo na própria realidade. Os processos que constituem a linguagem são histórico-sociais e, dessa maneira, seu estudo não pode ser desvinculado de suas condições de produção.

Segundo Maingueneau (1997), os estudos lingüísticos, instaurados pelos formalistas russos, foram mais tarde nomeados como discurso. Buscando uma lógica de encadeamentos “transfrásticos”, superam a abordagem filológica ou impressionista que até então dominava os estudos da língua. O trabalho de Harris (apud Brandão, 2004) mostra a possibilidade de ultrapassar as análises confinadas meramente à frase, ao estender procedimentos da linguística distribucional americana aos enunciados e, de outro lado, os trabalhos de R. Jakobson e E. Benveniste sobre a enunciação.

Esses trabalhos apontam para a diferença de perspectiva que vai marcar uma postura teórica de uma análise do discurso de linha mais americana, de outra mais européia. Apesar de a obra de Harris ser considerada o marco inicial da análise do discurso, ela se coloca ainda como uma simples extensão da linguística.

Já na visão de Benveniste, segundo Brandão (2004), o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por índices específicos, dá relevo ao papel do sujeito falante no processo de enunciação e procura mostrar como acontece na inscrição desse sujeito por enunciados que ele emite. Quando ele fala em “posição” do locutor é levantada a questão da relação que é estabelecida entre o locutor, seu enunciado e o mundo, relação que estará no centro das reflexões da análise do discurso em que o enfoque da posição sócio-histórica dos enunciadores ocupa um lugar primordial.

Ainda, segundo Brandão, para Orlandi essas duas direções vão marcar duas maneiras diferentes de pensar a teoria discurso: uma que entende como sendo uma extensão da linguística e outra que considera o enveredar para a vertente do discurso o sintoma de uma crise interna da linguística, principalmente na área da semântica.

Segundo Maingueneau (2002), considera-se que o enunciado é portador de um sentido estável, a saber, aquele que lhe foi conferido pelo locutor. Esse sentido seria decifrado por receptor que dispõe do mesmo código. Nessa concepção da atividade lingüística, o sentido estaria de alguma forma, inscrito no enunciado, e sua compreensão dependeria essencialmente de um conhecimento do léxico e da gramática da língua, o contexto desempenharia um papel periférico, fornecendo os dados que permitem desfazer as eventuais

ambiguidades dos enunciados.

De acordo com Brandão (2004), o discurso é uma organização para além da frase. Isto não quer dizer que todo o discurso se manifeste por sequência de palavras de dimensões obrigatoriamente superiores à frase, mas assim que ele mobiliza estruturas de outra ordem que as da frase, formam uma unidade completa, mesmo sendo construído por uma única frase.

Segundo Maingueneau (2002), chamamos de “discurso” os enunciados solenes, ou, pejorativamente, as falas inconseqüentes. O termo pode igualmente designar qualquer uso restrito da língua: “o discurso islâmico”, “o discurso político”, “o discurso administrativo”, “o discurso polêmico”, etc. Nesse emprego, “discurso” é constantemente ambíguo, pois pode designar tanto o sistema que permite produzir esses textos e outros ainda.

A noção de “discurso” é muito utilizada nas ciências de linguagem, por ser o sintoma de uma modificação que resulta da influência de diversas correntes das ciências humanas, reunidas frequentemente sob a etiqueta da pragmática.

A pragmática constitui, com efeito, certa maneira de aprender a comunicação verbal. Ao utilizar o termo “discurso”, é a esse modo de apreensão que se remete implicitamente.

Para Brandão (2004), o discurso é orientado não somente porque é concebido em função de uma perspectiva assumida pelo locutor, mas também porque se desenvolve no tempo, de maneira linear. O discurso é uma forma de ação, falar é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma apresentação do mundo. Toda enunciação constitui um ato (prometer, sugerir, afirmar, interrogar, etc.). Segundo Brandão (2004), não podemos dizer que o discurso intervém em um contexto como se fosse somente uma moldura, na realidade não existe discurso senão contextualizado.

O discurso contribui para definir seu contexto, podendo modificá-lo no curso da enunciação, é discurso enquanto remete a um sujeito, um Eu que se coloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais e, ao mesmo tempo, indica que atitude está tomando em relação aquilo que diz sobre seu enunciado, fenômeno de “modalização”. Ao tratar das leis do “discurso”, a atividade verbal se inscreve na vasta instituição de fala e, como todo comportamento, é regido de normas, cada ato da linguagem implica normas particulares.

### **Tipo textual e gênero textual: Definição**

Para Marcuschi (2005), é impossível a comunicação verbal que não seja por algum gênero e texto. Parte-se da idéia de que a comunicação verbal só é possível por meio de gênero textual. Bakhtin (2003), afirma que onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento.

Segundo Marcuschi (2005), os gêneros textuais como práticas sócio-discursivas, se compõem como atividades para atuar sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-se de algum modo.

De acordo com o autor, trabalhar com gêneros textuais é uma grande oportunidade de lidar com a língua e seus diversos usos no dia-a-dia, pois tudo o que fazemos linguisticamente está inteirado com algum gênero.

Para Koch (2002), a competência sócio-comunicativa dos falantes/ouvintes, permite detectar o que é adequado e inadequado em cada uma das práticas sociais. Com isso é possível diferenciar determinados gêneros de textos.

O contato com os textos da vida cotidiana, como anúncios, artigos de jornais, receitas médicas, etc., propicia a capacidade para construção e o entendimento de textos.

## A definição e a funcionalidade dos gêneros textuais

De acordo com Marcuschi (2005), os gêneros textuais são fenômenos históricos vinculados à vida cultural e social, entidades sócio-discursivas que contribuem para ordenar as atividades comunicativas do dia-a-dia. Atualmente existe uma grande quantidade de gêneros textuais que surgem juntamente com a necessidade das atividades sócio-culturais e na relação com as inovações tecnológicas, diferentemente das sociedades anteriores que tinham somente a comunicação escrita.

Hoje, com a cultura eletrônica, estão surgindo novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto oral como escrita. Os gêneros textuais surgem e são inseridos nas culturas em que se desenvolvem, são caracterizados mais por suas funções comunicativas cognitivas institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais, suas diversidades de formas surgem e desaparecem.

O que propiciou o surgimento de novos gêneros textuais foram as novas tecnologias, ligadas à área da comunicação. Não são das tecnologias propriamente ditas que se originaram os gêneros, mas sim pelo seu uso intenso e suas interferências nas atividades comunicativas diárias.

As novas formas discursivas nascem dos grandes suportes tecnológicos da comunicação, tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, que por sua vez, propicia e abriga gêneros novos bastante característicos, tais como os editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonema, telegramas, tele mensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais (chats), aulas virtuais (aulas chats) e assim por diante.

Os gêneros que surgiram não são inovações, eles estão ancorados em outros gêneros já existentes. Bakhtin (2003) afirma que todos os campos da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão ligados à utilização da língua. É perfeitamente compreensível que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados quanto os campos da atividade humana. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados orais ou escritos, concretos e únicos, emitidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo referido, não só por seu conteúdo temático e estilo de linguagem, mas também por sua construção composicional. Para Bakhtin (2003), os gêneros discursivos são heterogêneos, produto social e como tal é suscetível a mudanças.

Segundo Marcuschi (2005), os que surgiram no último século, criam formas de comunicação próprias com uma mistura que desafia a oralidade e a escrita, tornando inviável de forma permanente a visão de divisões existentes em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observações entre vários tipos de semioses, signos verbais, sons, imagens e formas em movimento.

## A intertextualidade da charge

Para melhor compreendermos a funcionalidade que abrange o discurso e gêneros textuais, fizemos uma pesquisa do gênero textual charge, que provoca a interação entre o leitor e o tema. Utilizando o humor juntamente com o visual, é possível remetê-lo à temática com fatos do cotidiano, contextualizado com os traços da charge.

De acordo com Romualdo (2000), o termo charge é proveniente do francês “charger”, significa carregado, exagerado, se fundamenta como uma espécie de crônica humorística tem caráter crítico, provoca o hilário, o qual é conseguido por meio do exagero. O gênero charge articula a linguagem verbal e a não verbal. Sua caracterização se volta para um texto visual humorístico e opinativo, que faz crítica a um personagem ou acontecimento específico.

A construção da charge se baseia na inferência a outros textos verbais ou não. O que a torna única é o modo inteligente com que demonstra sua capacidade de reunir num jogo de polifonia e ambivalência, o verso e o reverso do tema abordado. Segundo Bakhtin (2003), a polifonia se caracteriza pela oposição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico.

Para Maingueneau (2002), cada indivíduo manifesta como “Eu” no enunciado, que também se responsabiliza por esse enunciado, mas esse fenômeno

nos remete a um problema da polifonia que de acordo com Bakhtin, que introduziu essa noção nos estudos da literatura romanesca, desde então vem sendo utilizada nos estudos de análises dos enunciados, nas quais se percebe várias vozes simultaneamente.

Outro fenômeno utilizado na construção da charge é a intertextualidade. De acordo com Koch (2003), a intertextualidade tem uma relação com a produção e recepção de um texto que depende do conhecimento de outros textos, com os quais de alguma forma se relacionam.

Isso demonstra que todo texto é um objeto heterogêneo que tem uma relação de seu interior com seu exterior e desse exterior fazem parte outros textos. A charge é um tipo de texto que atrai o leitor pela sua facilidade de leitura e por transmitir múltiplas informações de forma condensada.

Apesar de suas características específicas, a charge não é um texto isolado, ela possui relação com outros textos. Geralmente, se ela contém uma opinião sobre determinado acontecimento, este deve ser um fato importante, possibilitando ao leitor a interpretação da charge.

De acordo com Maingueneau (2002), é possível compreender o processo dos enunciados que permitem a transmissão de conteúdos implícitos. Esses implícitos evidenciam o confronto do enunciado com o contexto de enunciação, que é denominado subentendido.

As relações intertextuais da charge com outros textos podem ser convergentes ou divergentes, ou seja, pode retomar a outro texto para seguir a mesma orientação de sentido proposta por ele, ou se posicionar em sentido contrário à primeira orientação.

A interpretação da charge é feita pelo leitor de acordo com seus conhecimentos. Ela focaliza uma determinada realidade, geralmente política e somente os que conhecem essa realidade podem entendê-la. Uma de suas características é que por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento tendo então um limite de tempo. O traço mais característico da charge é o seu caráter visual, que é desenhado e possui algumas características iguais a todos os desenhos.

Os elementos que compõem a imagem não podem ser limitados às unidades significativas ou representativas por si mesmos, pois depende de todo o conjunto para obter qualquer significado, que combinados, formam signos que estão numa relação de semelhança, no qual cada elemento terá um valor em relação ao outro.

O “contexto intra-icônico” se relaciona entre diversos elementos que compõem uma determinada figura, os elementos mínimos, nada significam isoladamente, mas combinados passam a ter uma significação. Por meio do elemento verbal (dentro de um balão de linha comum) quanto do elemento visual (“contexto

intra-icônico”) é possível perceber que existe uma disputa entre as duas crianças do texto chárstico.

O “contexto intericônico”, diz respeito à seqüência das imagens. Há charges que compõem um único quadro e outras compostas por mais de um. A leitura de um quadro após o outro terá implicações na seqüência narrativa.

Nas charges compostas por mais de um quadro, se dispõem graficamente de formas diferentes: verticalmente (de cima para baixo); horizontalmente (da esquerda para a direita); e verticalmente, com as tiras superiores precedendo as inferiores.

Percebe-se a importância do “contexto intercônico” nesses textos, pois a temporalidade é dada pela disposição gráfica dos quadros que determina a ordem seqüencial da leitura.

O jogo polifônico da charge e os “contextos intra” e “inter icônico” contribuem para levar o leitor ao riso.

No “contexto extra-icônico”, a imagem é associada aos elementos de naturezas diversas, como o tempo, idade, instrução, sociedade, cultura e ambiente em que se dá a comunicação.

Esse “contexto” pode ser dividido em dois: o “contexto situacional” envolve o conhecimento comum ao emissor e ao receptor no ato comunicativo; e o “contexto global” demonstradas por fatores culturais e espaço-temporais que são difíceis de compreender devido à diversidade entre as pessoas.

O contexto é de grande importância para a compreensão da caricatura e da charge, pois o efeito só é alcançado se o referente for conhecido e também as demais circunstâncias.

Segundo Romualdo (2000), a caricatura é um elemento visual que constitui a charge, consiste no exagero de maneira proposital das características marcantes do indivíduo. Ela aparece frequentemente na charge, pois está ligada aos acontecimentos políticos e aparecem em seu corpo caricaturas de presidente e outras personalidades do mundo político nacional e internacional.

A palavra caricatura surgiu na Itália, na segunda metade do século XVII, originou-se do verbo caricare (carregar, acentuar e sublinhar). Mosini, em 1946, usou pela primeira vez esse vocábulo para referir-se a uma série de desenhos satíricos de Agostinho Carracci, de Bolonha, Itália, mas essa representação gráfica existe desde a antiguidade na civilização egípcia e na Grécia antiga, Pauson (séc. V a.C.) é considerado o primeiro caricaturista de que se tenha notícia.

O desenhista, por meio do uso hiperbólico das linhas, elabora a deformação caricatural. A caricatura, no início de sua existência, buscou o riso fácil, abusando do ridículo, deformando com a idéia de proporção. Esse exagero não só transforma o caricaturado em ridículo, mas também explora os traços mais marcantes de sua personalidade, valorizando seus aspectos

positivos e ridicularizando os negativos.

Apontando os traços mais marcantes de uma personalidade, a caricatura mostra o seu valor real, não somente na intensidade ou na perfeição de seu grafismo, mas no que ela nos sugere.

Com a versatilidade do caricaturista é possível vermos além do simples referente. O subjetivismo da caricatura apresenta informações que nos leva a um julgamento de valor, utilizando do ridículo como arma, a caricatura não só nos faz rir, mas também pensar.

A fisionomia do caricaturado possibilita ao leitor identificar na charge o seu referente, mas para ocorrer a identificação, o leitor deve conhecer a personalidade caricaturada ou mesmo o fato político a que se refere à charge. De acordo com o autor, apesar de algumas charges serem constituídas pelo código visual, não é sua única característica. A charge apresenta também os códigos verbais e visuais justapostos que se auxiliam, se completam ou se contrapõem na busca da produção do sentido pretendido.

A representação do verbal nas charges segue as mesmas formas das histórias em quadrinhos. Os signos linguísticos presentes nas charges, tem por função representar a fala dos personagens (quando dentro de balões), e os diversos tipos de ruídos, aparecendo ainda, nas legendas e em figuras, componentes do quadro.

As palavras, como por exemplo, tem o seu tamanho aumentado e seu traço bem destacado, grosso, tremido ou ondulado para representar maior emoção ou entonação, medo ou grito. Com isto pode-se afirmar que o elemento linguístico passa a ter também uma função figurativa, portanto os caracteres gráficos nas charges extrapolam o campo lingüístico.

Na leitura dos balões e das letras, deve levar-se em consideração a forma como aparecem desenhadas, pois sua representação auxilia na interpretação, tanto do conteúdo da fala como de toda a charge, ou mesmo na caracterização de um personagem.

Pode-se considerar que o humor é outro traço básico importante nos textos chárgicos. Os traços apontados revelam a capacidade de um bom chargista, pois usando sua criatividade, depois de observar com muita inteligência e analisar o acontecimento, constrói um texto crítico, contundente e revelador.

Por meio desses três últimos traços, o humor da charge revela-se pelo riso. O que interessa para o estudo do humor nas charges é a dimensão de tempo, a atualidade, a contemporaneidade com o fato ao qual ela se refere. Com o passar dos anos, devido às transformações vividas pelo homem e a sociedade, o contexto social se modifica e por esse motivo quando revemos velhas caricaturas ou charges não compreendemos a intenção e o humor desses textos.

Para melhor entendermos a estrutura, o contexto e os subentendidos de uma charge, passaremos agora a analisar alguns exemplos atuais.



Fonte: [www.amarildo.com.br](http://www.amarildo.com.br)

A charge acima é composta por dois personagens, um deles está com uma mochila nas costas, pressupondo que seja uma estudante e o outro está usando trajes que em nosso contexto nos remete a uma figura de “malandro”, está atrás de um balcão onde está escrito “Vendo Provas do ENEM”.

A personagem com a mochila nas costas dirige-se ao “malandro” com uma cara de indignação e diz: “Bem Feito! A prova foi cancelada seu mané!”, pelos traços característicos e pela sua resposta irônica “Eu sei! Eu já estou vendendo reservas para a próxima!”, percebemos que o mesmo não se abateu, pois além da resposta faz uma cara de deboche.

Pelo discurso, podemos identificar que se trata do cancelamento da prova do ENEM, fato acontecido recentemente e divulgado pela mídia. Pelo discurso do “malandro”, o que está implícito nesta charge é que mesmo com a descoberta da fraude e a elaboração de uma nova prova, os “malandros de plantão” não estão abatidos, pelo contrário, mostra que estão convictos de que há uma facilidade em conseguir novamente os resultados e por esse motivo já estão vendendo reservas para a próxima prova.



Fonte: [www.charges.com.br](http://www.charges.com.br)

Nesta charge, encontramos dois personagens, a professora e o aluno, e pelo ambiente criado pelo chargista pressupõe-se que estão dentro de uma sala de aula e que a professora está ministrando uma aula

sobre ética, pois em seu discurso esta solicita ao aluno que escreva na lousa a palavra “ética”.

O aluno, que está com uma caixa de giz na mão, pelos traços característicos, tem um gesto de quem está procurando o giz para atender ao pedido da professora, mas em seguida responde que roubaram o giz. Podemos perceber que a intenção do chargista nesse discurso é o de criticar, ironizar e satirizar a falta de ética existente no país.



Fonte: [www.charges.com.br](http://www.charges.com.br)

Esta charge faz referência a um fato acontecido recentemente, divulgado por todos os meios de comunicação, o que nos remete a uma intertextualidade.

Podemos observar que a charge é composta por dois personagens, mais especificamente dois estudantes conversando sobre a gripe suína. Pelos traços característicos colocados pelo chargista, indica que os alunos foram para a escola, mas não houve aula.

A epidemia de gripe suína foi um fato muito discutido e assustou muitas pessoas no Brasil e em outros países, causou grandes transtornos, as pessoas tiveram que ficar em alerta e por precaução as aulas foram adiadas.

No discurso da charge e pelos traços característicos, percebemos que os dois alunos estão preocupados e assustados com a situação, pois se até as aulas foram adiadas é porque o caso é sério. Então o chargista faz uma brincadeira, um jogo de palavras no discurso dos alunos “A gripe suína é mesmo perigosa! Matou até nossas aulas!”.



Fonte: [www.charges.com.br](http://www.charges.com.br)

Esta charge é composta por dois personagens, mãe e filho. Pelo discurso e pelo ambiente criado pelo chargista, podemos perceber que a mãe está no quarto do filho e quer contar uma história para ele dormir. A mãe sentada em uma cadeira, com um livro na mão e seu filho deitado na cama, ela diz que vai lhe contar a história de “Ali Babá e os Quarenta Ladrões”. Pelos traços característicos, a mesma é apanhada de surpresa com a cara de repulsa e a resposta de seu filho “Ah, mãe... Eu não aguento mais esse papo de mensalão!”.

Nesta charge, encontramos o discurso político. O chargista mostra que a corrupção está tão banalizada, tão visível e já é tão comum que até criança associa a história infantil “Ali Babá e os 40 Ladrões” aos políticos brasileiros.

Assim como vários gêneros textuais, a charge também ganhou uma versão eletrônica, são produzidas e divulgadas semanalmente por sites na internet, e que os usuários podem optar por assisti-las on-line ou baixar o arquivo e assistir a qualquer momento.

A charge animada utiliza efeitos visuais de animação e efeitos sonoros em sua apresentação. O foco da charge animada também é a mesma que a charge normal, a política, os fatos sociais, acontecimentos esportivos, etc. Porém, como todo gênero textual que ganha uma versão eletrônica, a charge animada é mais interativa e divertida, pois quando os personagens reais são nela retratadas, as vozes e gestos são igualmente representados. Músicas e efeitos sonoros são incorporados e a animação ajuda o expectador a fazer uma melhor interpretação dos acontecimentos. Mas ainda assim, é preciso que se faça a leitura entre o dito e o não dito na charge, pois da mesma forma, a charge animada requer que o expectador saiba o fato político social a que a charge faz analogia.

## Considerações finais

Durante a realização desta pesquisa, pudemos concluir que a análise do discurso do gênero textual charge, revela um amplo conteúdo de conhecimento que nos faz refletir sobre análises discursivas e tipologias de gêneros. Consideramos que os teóricos definem a Análise do Discurso como uma teoria que centra o objeto de estudo no discurso e não na fala. Desta forma a charge que é um gênero textual visual, podendo ser verbal, tem um discurso que pode estar subentendido, cabendo ao leitor saber interpretá-lo por meio de seu conhecimento prévio que também envolvem questões intertextuais e polifônicas. É possível demonstrar que através do discurso, podem se caracterizar socialmente, ideologicamente e politicamente os indivíduos, permanecendo a ironia e o humor, como características desse gênero. A charge que é um importante meio de transmitir conhecimento das diversas situações do cotidiano, além de trabalhar com contextos diversifi-

cados, seus traços que compõem a caricatura provoca o hilário. O contexto e a interdiscursividade é o fator fundamental para o entendimento da charge, o qual provoca o humor. O discurso é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos. Partindo desse pressuposto, a Análise do Discurso apresenta-se como uma disciplina não acabada, em constante mudança.

### Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Unicamp, 2004.
- DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel e; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências à análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Unicamp, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio, In. DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel e; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge Jornalística: intertextualidade e polifonia**: um estudo de charges da Folha de São Paulo. 1ª reimp. Maringá: Eduem, 2000.
- CHARGES on line. Disponível em [www.charges.com.br](http://www.charges.com.br) Acesso em maio de 2009.

### Informações sobre as autoras

#### Maria de Fátima da Silva

Curso de Letras da Faculdade Unida de Suzano - UNISUZ

#### Rosália Maria Netto Prados

Professora Doutora, Pós-doutora em Ciências da Comunicação, pela Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo; doutora em Semiótica e Lingüística Geral, pela Universidade de São Paulo. Atua em Letras e Lingüística, com ênfase em Semiótica e Análise do Discurso. É líder do grupo de pesquisa do CNPq, Semiótica, Discursos e Cultura. Atualmente, é professora pesquisadora do Programa de Mestrado em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação, da Universidade Braz Cubas, e professora do curso de Psicopedagogia da UNISUZ.